

A Identidade Corporal do Idoso: reflexões no seu próprio corpo

Lucilene Ferreira, Regina Simões

Introdução

Durante a velhice, alguns aspectos negativos poderão surgir em detrimento à perdas físicas, psíquicas e sociais, comuns ao processo de envelhecimento. (Spiriduso, 2005). Por outro lado, se não houver uma adaptação e capacidade de lidar com essa realidade, há grandes possibilidades de gerar sentimentos depreciativos e uma imagem corporal negativa no idoso, podendo ocasionar alterações na identidade corporal, diante de um quadro persistente.

Estas e outras experiências que ocorrem durante todo o processo de desenvolvimento de um indivíduo, deixam marcas corporais, que se propagam durante todo o processo de vida de um sujeito, do momento em que nascemos, nos tornamos adultos e envelhecemos.

Nosso corpo representa a realidade do que somos e do que vivemos, carrega nossa história de vida, nossas marcas e cicatrizes, comuns da transformação natural da nossa evolução e desenvolvimento, desde o nascimento até a velhice.

Por isso, falar de construção de identidade corporal do idoso, necessariamente nos remete às experiências precoces do sujeito.

Autores como Winnicott, (1983), Klein, (1975) Dolto (1984), Tavares (2003) entre outros, concordam que no início da vida, a interação da figura materna e o bebê são determinantes para a formação do indivíduo. Diante da total dependência do bebê para satisfazer suas necessidades e a predisposição da figura materna em atender esses desejos é que irá direcionar a formação da personalidade desse indivíduo.

Segundo Albornoz (2003) a quantidade de afeto empregado pela figura materna na identificação e na atenção dada as necessidades da criança, desenvolve um simbolismo no bebê e possibilita a constituição de uma identidade subjetiva. Para isso, o cuidado oferecido pela mãe deve ser “suficientemente bom”, refletindo no seu desenvolvimento durante o curso da vida.

Após os primeiros indícios de estruturação da identidade e personalidade, o indivíduo mantém-se em contínuo processo de desenvolvimento. Nossa identidade vai se constituindo através de sensações e percepções que o nosso corpo vai registrando desde a mais tenra idade à velhice.

As experiências vividas sejam elas, positivas ou negativas, constituem o “eu” de cada sujeito. Nesse sentido, conhecer as alterações que ocorrem na identidade corporal do idoso, através de suas experiências de vida, torna-se uma importante ferramenta de cuidado a essa população, pois esse conhecimento poderia proporcionar aos profissionais da área de saúde, adequações em suas intervenções que podem favorecer o desenvolvimento integral do idoso.

Diante destas reflexões perguntamos: Qual é a identificação que o idoso faz de seu próprio corpo? Como sua história de vida e experiências influenciam sua imagem corporal?

Visando responder a estas questões, o objetivo deste estudo é conhecer a identidade corporal de um idoso asilado, a partir de sua própria concepção de corpo.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se do tipo estudo de caso. A coleta de dados de caráter transversal e qualitativo ocorreu através de uma entrevista, a qual além de conhecer as características pessoais tinha a seguinte pergunta geradora: Para você, como é o seu corpo?

A resposta foi gravada e posteriormente transcrita e analisada segundo a Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, proposta por Moreira, Simões e Porto (2005), a qual capta os relatos ingênuos dos sujeitos, identifica os indicadores e estabelece as unidades de significado a partir dos discursos, sendo que esse processo ajuda a compreender o sentido da fala dos sujeitos.

A amostra deste estudo foi constituída por um idoso, participante de uma pesquisa de âmbito maior, realizada por Ferreira (2006) que investigou idosos residentes em um asilo público, localizado no interior do estado de São Paulo, questionando a concepção de corpo para esta população. Dentre os participantes, este se destacou ao dizer: “*Desculpe por falar da minha vida, [...]*”

só que não posso falar do meu corpo sem falar de tudo que eu já vivi, porque tudo o que eu passei na vida é nele que sinto hoje, tá marcado.”

Este estudo foi submetido à Comissão de Ética em Pesquisa e aprovado sob o protocolo 112/2004 de 07 de junho de 2005.

Resultados

O idoso entrevistado possui 74 anos, é viúvo, concluiu o antigo ginásio. Na juventude, foi jogador de futebol e após encerrar sua carreira como atleta, trabalhou como caminhoneiro até fixar residência num asilo do interior paulista a pelo menos 7 anos. Atualmente mantém pouco contato com seus familiares. A partir da análise do discurso do idoso sobre seu corpo, estabelecemos os indicadores e posteriormente quatro unidades de significado a saber: 1. Envelhecido; 2. Excluído; 3. Infeliz e 4. Experiente, traçando, através de sua fala, a conexão entre suas experiências vividas e o desenvolvimento de sua identidade corporal.

O idoso sente seu corpo Envelhecido e debilitado, limitado em executar as coisas que realizava antigamente, não pelo processo de envelhecimento em si, mas pelas condições de vida a qual está submetido.

Durante a juventude gozou de uma condição financeira favorecida que lhe proporcionou prazer, status e satisfação e que na velhice isto não é semelhante. *“Gostaria que você soubesse que só estou aqui porque estou mal, numa condição financeira ruim, não porque estou velho, sei que meu corpo envelheceu, mas ainda posso fazer muita coisa sozinho”*. Vale destacar que a limitação não é somente física, dessa forma, um indivíduo pode sentir-se limitado pela anulação de seus desejos, pela situação financeira a qual se encontra, ou pela ausência de papéis sociais que executava no passado.

Esta realidade está relacionada à unidade de significado de Infeliz, o que denota sensações de depressão e de tristeza. *“Não existe mais motivação, não estou feliz”*.

A opção de morar no asilo se justifica pela condição financeira, não pela incapacidade de cuidar-se sozinho. Ao mesmo tempo, a possibilidade de morar com a família é descartada pela ausência de privacidade que poderia causar aos seus filhos, entretanto diz: *“a minha filha, ela é professora, então*

ela poderia dizer para o marido que gostaria que eu ficasse na casa dela, mas um pedido de filha, para pai, só que ela quer a privacidade dela com o marido”

Assim, no decorrer no discurso, o idoso identifica seu corpo como Excluído. A idéia da exclusão se associa a solidão tanto no asilo como no interior da família. Ele afirma: *“Tenho netos, filhos, mas vivo sozinho praticamente, sinto muita solidão, até mesmo aqui no meio de gente me sinto sozinho”*.

Esse sentimento de solidão é reforçado ainda mais pelo estigma social e conotação negativa de algumas instituições de longa permanência, devido a sua estrutura de funcionamento que generaliza e coletiviza os cuidados aos idosos, contribuindo para uma anulação da identidade do indivíduo, como coloca o próprio idoso: *“o pessoal daqui se preocupa com o prédio, se vê ta bonito, mas não é o prédio, é o idoso. Ninguém vem perguntar pra mim: se ta comendo bem? A comida é gostosa? A comida é saudável? Não estou falando em quantidade, mas em qualidade”*.

Apesar de sentir que durante todo o percurso de sua vida, acumulou muitas vivências, contribuindo para um corpo mais Experiente hoje, afirma: *“a partir do momento que vim parar aqui perdi tudo que conquistei, meu diploma de experiência de vida, eu perdi, e continua “Acho que isso aqui é o fim da picada, a pessoa que vem parar aqui ta com a passagem comprada, dá para se entender o que é isso? É lógico que é pra morte. Fica só reservado o momento pra embarcar.”*

Conclusão

O objetivo deste estudo foi conhecer a identidade corporal de um idoso asilado, a partir de sua própria concepção de corpo. Os resultados do estudo nos levaram a refletir que a identidade corporal se altera não pela idade que temos, ou pela velhice em si, mas pelas marcas e experiências que vivenciamos ao longo da nossa vida.

As marcas inscritas no corpo interferem no comportamento e na relação do sujeito com o mundo, dessa forma, a maneira com que lidamos com essas experiências é determinante para promover o desenvolvimento integral do ser humano.

As estratégias de enfrentamento que o idoso dispõe, são singulares e únicas, estando vinculada à identidade de cada um. Logo, não é a idade que altera a

identidade corporal de um indivíduo, mas a maneira com que ele lida com as adversidades da vida.

Nossa intenção aqui, não foi trazer nenhuma conclusão a respeito de identidade corporal, devido ao seu aspecto dinâmico e complexo, mas refletir sobre o assunto durante o processo de envelhecimento, pois continuamos a nos desenvolver até o momento em que morremos, e esse processo, do nascimento a morte, é vivido através de um corpo, que ao longo da vida vai construindo memória.

De acordo com Schilder (1999) corpo e mundo são experiências interconectadas, assim, reconhecemos a sabedoria deste idoso ao dizer: “*Desculpe por falar da minha vida, nem foi isso me perguntou só que não posso falar do meu corpo sem falar de tudo que eu já vivi, porque tudo o que eu passei na vida é nele que sinto hoje, ta marcado, compreende?.*”

Referencias

Albarnoz, A. (2001) *Psicoterapia psicanalítica com crianças e adolescentes institucionalizados*. 2003. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Dolto, F. (1984). *La imagen inconsciente del corpo*. Barcelona: Ediciones Paidós.

Ferreira, L. (2006). *A imagem refletida: olhares ao ser envelhecido em diferentes contextos sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

Klein, M. (1975). *Psicanálise da criança*. São Paulo : Mestre Jou.

Moreira, WW, Simões, R & Porto, E (2005) Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *R. bras. Ci Mov* 13(4): 107-14.

Schilder, P. (1999). *As energias construtivas da psique*. São Paulo, Martins Fontes.

Spiriduso, W.W (2005) *Dimensões físicas do envelhecimento*. Rio de Janeiro: Manole.

Tavares, M.C.G.C.F. (2003) *Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento*. Baureri: Manole.

Winnicot, D. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.